

A Pedagogia da Encantaria, Encantamento da Pedagogia¹

Antônio J. Paraense da PAIXÃO²

Diego não conhecia o mar. O pai, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas, esperando. Quando o menino e o pai, enfim, alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar (E. Galeano, 1991).

Quando nos propomos a tratar de um tema que se relacione com a região amazônica, faz-se sempre necessário, nos colocarmos com a atitude de ajudar a ensinar os não-amazonistas a mudarem a forma de nos olhar, seja para aprenderem a contemplar o diferente, seja para nos impormos, não como inferiores, mas como possuidores de capacidade de construção. Assim é que me apresento diante desse trabalho, de forma apaixonada, buscando marcar que somos capazes de reflexionar sobre o que vivemos, mas também tomando cuidado não se trabalhar com o antigo esquema tipológico excludente denunciado por Vergolino(1997): cultura dominada = autêntica = popular = rural = tradição X cultura dominante = espúria = elite = urbana = modernidade.

Xamanismo marajoara - A Encantaria que Cura

Normalmente não se define um espaço geográfico, como é o caso do Marajó. Mas, se o intento pudesse ser aceito, poder-se-ia dizer que o arquipélago do Marajó é uma porção muito grande de terras e de águas cercada de magia por todos os lados. Talvez a frase soe demasiadamente poética, para os ouvidos excessivamente modernizados, ou, para usar a terminologia Weberiana, os desencantados.

Pode parecer excesso de zelo o uso de o(a), no decorrer do texto, antes da palavra xamã. No entanto, isto se dá porque ainda não temos nada sistematizado sobre o xamanismo nesta região e também porque um dos poucos trabalhos, presentes no mercado sobre o fenômeno na região, é exatamente o livro: *O Mundo místico dos Caruanas e a revolta de sua ave*³, de autoria de Zeneida Lima, uma das poucas pajés ainda atuantes na região. Por isso não seria nada justo utilizar somente o artigo o antes da palavra xamã.

É com base na citada obra que buscarei explicitar, um pouco, sobre as marcas do xamanismo no Marajó. A obra é biográfica, pois a pajé não tinha a pretensão de fazer tratado

sociológico ou antropológico sobre sua vivência e seu relacionamento com as forças da natureza. No entanto, é uma introdução sobre a questão aqui tratada.

Como o título desta seção sugere, o xamanismo na região recebe um nome que deixaria Weber bastante feliz: *Encantaria*. Este nome não nasceu de um estudo sobre as teorias da religião de Weber, feita pelos caboclos da região, e sim das formas como as manifestações do sobrenatural se processam.

Quando se vai tratar da religiosidade, ou melhor do xamanismo, a partir de uma perspectiva que entende a cultura como um sistema complexo, e que, portanto, se relaciona com diversos aspectos da realidade, não se pode desprezar, no caso específico da região do Marajó, a geografia física do local:

temos que nos dar conta da influência da encantaria na vida do marajoara, que depende do regime das águas, economia, vida social, alimentação, hábitos, costumes, tudo (LIMA, p.20).

A região do Marajó é uma região que possui basicamente duas estações: a da chuva e a da ausência de chuva. Na época das chuvas, temos um índice pluviométrico muito elevado, o que já não ocorre na outra estação. A água percorre um percurso bastante sinuoso que se forma desde os igarapés até os rios mais caudalosos.

É neste ambiente, bastante líquido, que uma das habilidades mais apreciada é a do manejo do remo, não só apreciada como necessária. E,

dentro desse quadro aquático, onde a luta pela sobrevivência exige um profundo conhecimento das condições locais, encontra-se, na cultura, infinidade de lendas, casos verídicos que foram absorvidos pela cultura do colonizador. Em cada local há uma referência cheia de mistérios (p. 21).

¹Este texto é parte de um trabalho apresentado à Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, durante seminário sobre Educação e Religião.

²Mestre em Ciências da Religião pela UMESP, professor de Filosofia do CCSE e CCBS da UEPa,

³Esse livro foi o que inspirou a escolha do enredo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis, no carnaval de 1998.

Isto posto, já podemos nos aventurar a tentar explicar o que viria a ser a encantaria. Há na região a crença de que as profundezas das águas são habitadas por seres sobrenaturais que as governam. Estes encantados podem ser pessoas que não morreram, mas que passaram a viver nas águas e a comandar uma determinada região da Ilha. O *encantado* também pode ser conhecido como Caruana: ...

O caruana Raimundo da Barca nasceu no Maranhão. Emigrou para o Pará onde viveu por muito tempo trabalhando como pescador da região do arquipélago do Marajó. Certo dia partiu de Jubim, uma localidade da ilha, em direção ao norte. Ao atingir a altura de Joanes, suas embarcação foi alcançada por um forte temporal. Raimundo estava bêbado, perdeu o equilíbrio e foi arrastado nas águas. Foi carregado pela correnteza, pelas ondas e redemoinhos, para um local chamado "Garrote", desapareceu e se encantou. É o protetor da praia de Joanes e arredores (p.19).

Neste trecho, chama a atenção o sentido de encantado: um ser humano normal que não possuía nenhuma característica de "santo", tanto que está bêbado, mas que se torna um ser sobrenatural com a tarefa de cuidar de um determinado espaço na natureza.

Delimitado o que vem a ser um *encantado*, já podemos dizer que a *encantaria* é a prática do contato estabelecido entre o Pajé e estes seres sobrenaturais, com diversos objetivos, seja o mais simples, encontrar um objeto perdido dentro de casa, até a cura de uma doença considerada incurável, ou a eleição de um determinado político. Não se pode deixar de ressaltar que:

cada lugar é um domínio de um encantado. A encantaria representa o maior respeito ao homem e à ordem natural. Ele coloca o homem diante de si mesmo, em confrontação com a harmonia da natureza. Dá a eles condições de aceitar o insondável, os mistérios da vida aquática, a fadiga, a solidão, a fome, o medo e a noite. O caboclo marajoara sente a presença física dos Caruanas (p.22).

Aqui se configura a complexidade deste sistema de representação do sobrenatural feita por essa população. O xamanismo, aí presente, tem a finalidade de manter a vida dos habitantes, como também de explicá-la. Neste caso, não se pode deixar de concordar com Geertz, quando dá, a estes fenômenos culturais, a partir de sua estrutura metafórica, um status de significador da existência humana.

Quando um marajoara vai tomar banho no rio, ou em um igarapé, é muito comum que o mesmo tome nas mãos um pouco da água e faça o sinal da cruz. Um observador pode achar que o mesmo está pedindo a proteção de Jesus Cristo, mas o fato é que o caboclo está pedindo licença para o caruana que protege aquele determinado espaço.

Ainda, caracterizando os caruanas, fica a indagação: estes encantados possuem forma material?

os caruanas são energias viventes sob as águas, conforme a encantaria cultuada pelos índios marajoaras. Quando as pessoas se encantam, suas energia humanas são levadas para o Patuanú. Lá passam por diversos estágios como flor, peixe, ave etc. Durante esse processo, perdem suas energias como viventes e estas se fundem com as energias já existentes sob as águas do mar e que agora podem ser evocadas pelo pajé (p.27).

Assim, o pajé, que é considerado pelo caruana como ave, torna-se um intermediário entre os encantados e as pessoas que deles desejam algo. No entanto, há todo um ritual para que esta comunicação se desenvolva, aconteça. Como nosso trabalho não deseja descrever técnicas, é importante registrar que a pajelança requer um aprendizado de toda a simbologia, como também das preferências dos Caruanas. Um pajé é reconhecido desde o ventre da mãe. Há inúmeros sinais que o povo marajoara conhece para se reconhecer um pajé. Ele vem predestinado a ser pajé. Não é uma escolha de vida este sacerdócio. Um dos sinais é a criança chorar quando ainda está na barriga da mãe.

Não há na pajelança marajoara um panteão organizado semelhante ao Olimpo,

cada pajé recebe suas cordas e linhas de caruanas que somente se manifestam nele. Quando ocorre de um pajé receber um caruana de outro pajé, este se manifesta de forma diferente (p.27).

Resta ainda explicitar sobre a relativização ética existente. Não se pode pensar um confronto entre o bem e o mal, nas práticas dos pajés. Se o pajé é encarado como instrumento, tanto pelo caruana como por quem a ele recorre, então a responsabilidade pelo ato é sempre de quem solicitou.

Os encantados são a possibilidade de cura, de sobrevivência, em um ambiente bastante desafiador para o seu habitante. Os encontros são o culto e representam nada mais que o encontro entre os homens e mulheres e as energias da natureza. É como se estivessem celebrando o eterno retorno. Os homens sentem-se próximos daquela que é, no fundo, a grande mãe: a natureza.

Antes de finalizar este tópico, penso ser interessante ressaltar alguns episódios que me chamaram a atenção em todo esse processo de contato com este livro da pajé.

Quando da proximidade do desfile da escola de Samba Beija-Flor, a pajé garantiu que o desfile seria ganho pela escola e que já havia pedido aos caruanas proteção, para que aquela promessa fosse cumprida.

No dia do resultado final do desfile das Escolas de Samba do Carnaval Carioca, o tempo estava bastante ensolarado, de repente, de forma imprevista, começou a chover. Então, foi interessante ouvir dos mais velhos a frase: "A Beija-Flor vai ganhar porque os Caruanas já começaram a aparecer no local da apuração". A chuva significava que naquele local eles se faziam presentes. Coincidência ou não,

mesmo sem a concordância do povo que assistiu ao desfile, a escola sagrou-se campeã do carnaval, juntamente com a Mangueira – escola que mantinha a unanimidade, em termos de preferência popular – como havia previsto e prometido a Pajé.

A Pedagogia da encantaria

Ainda que o presente tópico apresente-se como a possibilidade de apreender da encantaria aspectos pedagógicos, concretamente irei destacar pontos que, ao meu ver, estão presentes na encantaria e que também se fazem presentes nas hodiernas ações pedagógicas, ou seja, aspectos que deixariam as práticas pedagógicas mais próximas do nosso tempo. Neste sentido, subdividi o presente em três tópicos, ou temas: a Ecologia, ou Educação Ambiental, a questão de Gênero e finalmente a questão da Corporeidade.

A panema que preserva (Ecologia)

Desde a Eco 92, as escolas viram-se, de forma quase abrupta, obrigadas a incorporar em sua cotidianidade a discussão sobre meio ambiente. Conceitos como educação ambiental, biodiversidade, desenvolvimento sustentável, ecologia, ecopolítica, por exemplo, tiveram que fazer parte do vocabulário dos docentes, caso contrário, teriam que se acostumar com classificações do tipo: reacionário, descompassado e a-históricos.

Assim, por todo o território brasileiro, o que se viu foi uma quantidade bastante grande de cursos de atualização, com o objetivo de contextualizar os docentes com estas novas questões. Muitos destes cursos foram promovidos em parcerias realizadas entre o poder público e algumas empresas de capital privado, mas que, de um modo geral, eram “exploradoras da natureza”, como é o caso da Vale do Rio Doce.

Portanto, a última década foi, para as escolas um tempo onde se dispensou e ainda se dispensa muito tempo ao enfoque ecológico. Seja com campanhas de preservação do meio ambiente, seja com edição de livros sobre educação ambiental e tantas outras atividades escolares que apontam para esta mesma direção.

A pajelança traz este tema da preservação da natureza como princípio básico de sobrevivência. Qualquer desrespeito à natureza pode significar sanções, as mais variadas possíveis, que vão desde um simples *mundiamento* até uma doença que pode ter como consequência a morte.

Toda(o) “surjão da terra”⁴ tira da natureza a matéria prima para seus atendimentos, daí decorrerem muitos ensinamentos que visam com que os clientes não assumam posturas de destruição da natureza, se não da destruição, ao menos do desprezo pela natureza.

Em nível macro, o desrespeito à natureza é facilmente identificado, pois imediatamente nos reportamos às queimadas, às madeiras, à poluição de rios pelas fábricas, à degradação da camada de ozônio.

Mas a nível mais individualizado, ou micro, como compreender este desrespeito? Ele consiste em, por exemplo, um caçador que caça, mas não come a caça, mata só pelo prazer de matar; um caçador que só caça uma determinada espécie de animal.

Para estes tipos de ações, na Pajelança, acredita-se que existam castigos. Uma das sanções mais conhecidas é a *panema*, que consiste em deixar a pessoa sem coragem de fazer nada, ou ainda fazer com que as atividades exercidas pela pessoa não alcancem os objetivos; um pescador pode passar meses sem conseguir fisgar um peixe aproveitável para a alimentação ou para a venda; um comerciante pode não conseguir fazer as transações comerciais que costumava fazer.

O castigo mais conhecido, que o enfoque cotidiano conseguiu popularizar, é o caso do *mundiamento* provocado pelo curupira a todos aqueles que, ao penetrarem nas matas, não mantêm uma atitude de respeito. Este *mundiamento* consiste em deixar a pessoa por dias, horas, sem conseguir achar o caminho que ela era acostumada a fazer. Fica perdida no meio da mata.

O ato de desrespeito à natureza significa, na mística da pajelança, uma incompatibilização com a natureza, a perda da sintonia com a mesma. Para que esta sintonia seja recuperada, faz-se necessário uma intervenção do/a pajé que, antes de realizar qualquer trabalho de reordenação desta harmonia da pessoa com a natureza, não deixa de fazer sua pré-dica em favor daquela que foi ofendida.

A natureza é tratada como um ser. Não se pensa as árvores, os rios, pensa-se a natureza, que é um conjunto bem organizado e que possui sua individualidade. Há um espírito presente nas plantas e que atua quando requerido.

Portanto, um dos maiores ensinamentos dos pajés é a necessidade de se viver em harmonia com a natureza, sem desrespeitá-la e, ainda mais, sentir-se parte dela.

Para este tipo de atitude de respeito à natureza a Antropologia local está denominando de “Pajelança Verde”.

Um gênero curador, nada frágil

Na pedagogia, a questão da desigualdade entre homens e mulheres ainda não tomou as proporções que o tema exige. As causas para que esta situação ocorra são diversas e vão desde a falta de reflexão sobre si mesma, até uma ideologia androcêntrica, que facilita de forma aviltante a vida daquele que se intitula, de forma pusilânime, o sexo mais forte.

⁴O Termo *Surjão* surge de uma corruptela da palavra Cirurgião. Alguns pajés são assim conhecidos por exercerem uma “medicina” baseada em matérias retiradas da própria terra.

Também na maioria das religiões, sejam cristãs ou não cristãs, a personagem feminina não ocupa papel de grande destaque, principalmente quando se trata do âmbito das decisões. Há um desprezo da hierarquia pelas mulheres e pelas possibilidades delas, inclusive de realizarem bem as “obrigações religiosas”, apesar de muitas sociedades ainda relegarem à mulher o papel do privado, seja o lar, a escola, a Igreja.

Há nas crenças populares do caboclo amazônico uma distinção entre as benzedeiras e os pajés. De maneira simplória, poderíamos dizer que a diferença básica é que as primeiras são capazes de realizar algumas curas, com as suas rezas, mas não podem experimentar o transe, já os últimos, no entanto, seriam capazes de realizar ambas as tarefas. Nesta pequena observação, faço questão de utilizar o artigo “a” para as benzedeiras e o artigo “o” para os pajés, para demarcar bem que caberia aos homens a função maior que é a de ser *pajé*, e às mulheres a função menor, no caso, a de *benzedeira*.

Esta situação foi bastante desenvolvida por Galvão (1959), para demonstrar que as mulheres que se arvoravam em se designar pajé, normalmente, não eram aceitas, e se o fossem seriam mais identificadas com a possibilidade de realizarem o mal para as pessoas, ou, ainda mais grave, seriam o fator de atração de males para a comunidade.

Nas poucas tribos indígenas, onde me foi possível pesquisar a significação da pajelança, esta era uma atividade exercida primordialmente pelos do sexo masculino. No entanto, hoje, seja no Marajó, seja em outras regiões da Amazônia, onde a pajelança não esteja só relacionada aos indígenas, nota-se uma marcante presença da mulher, sobrepujando aquela visão da impossibilidade das mesmas serem “boas” pajés.

Isto é significativo, porque não se usa como elemento da eficácia curativa a questão da masculinidade, não está em jogo a sexualidade, mas sim a possibilidade que o ser humano teria de ser um agente de comunicação entre o sobrenatural e o natural.

Mas, nessa cultura, não há diferenças entre homem e mulher? Há. Mas só que não é uma diferenciação que denigre. Ao contrário, pois, como cada encantado tem uma forma de se relacionar com a sua ave, não se busca uma unificação de ações, mas uma acentuação das diferenças, já que cada um tem sua forma específica de atuar.

Esta atitude de não submissão pode ser considerada novidade dentro do imaginário paraense, pois em trabalho intitulado *Educação, e (In) submissão feminina no Pará*, Luzia Alvares busca na imprensa escrita na década de 1910-1920 o tratamento dispensado às mulheres paraenses e a conclusão é de que este tratamento não difere de outras regiões do país, dessa forma, afirma:

“Não é de estranhar que as mulheres paraenses construíssem, no seu imaginário, um tipo feminino que privilegiava a função materna como inerente à sua natureza. O sistema de valores patriarcais existente conservava uma regulamentação disciplinar e uma organização instrumental que submetia a relação homem/mulher, definindo seus papéis e fortalecendo as normas sobre estes. Faziam parte deste sistema contribundo de diferentes formas de reforço e de sanções às transgressões da família, à Igreja, à medicina, à escola, à imprensa” (217)

No citado trabalho, a autora ainda chama atenção para o fato de que é exatamente em um culto religioso, no caso específico, o Espiritismo Kardecista, que esta submissão já começa a ser superada, no dizer da pesquisadora, há um “comportamento insubmisso de mulheres espíritas”. A pesquisadora deixou, ao meu entender, uma lacuna, pois não se refere às pajés. Portanto submissão também era e ainda é, situação corrente na sociedade paraense como um todo.

Se tomarmos a perspectiva escolar, em relação à questão da situação da mulher, veremos como esta instituição ainda assume um discurso com postura androcêntrica, que pode ser facilmente detectada em diversas situações e aspectos da vida escolar, como é o caso da forma, dada pelos livros didáticos, detectada por Zuleika Alembert, nestes termos,

as discriminações aparecem nas formas mais variadas: nas ilustrações, por exemplo, as mulheres são minorias em relação a homens e meninos: aos papéis atribuídos ao sexo feminino são mais reduzidas e menos variados; os assuntos escolhidos geralmente favorecem meninos, as personagens principais são quase sempre masculinas sejam elas seres humanos ou animais; os meninos são mais ativos e as meninas mais contemplativas; as meninas aparecem em casa, ajudando a mãe nos serviços domésticos, enquanto os meninos são mostrados fora de casa, ligados ao mundo do trabalho, fazendo consertos e andando de moto, etc (In WEISSHEIMER & LINDER: 1998:6).

Ainda percorrendo o olhar pela escola, pode-se observar que ainda há na(o)s aluna(o)s e nos dirigentes de algumas escolas, uma tendência a não aceitar, no ensino médio, a presença de mulheres ministrando disciplinas da área dita exata, como a Física, a Química, a Matemática. Isto se acentua, quando olhamos o corpo docente de cursinhos pré-vestibulares⁵. Esta situação se deve ao fato de se pensar que as mulheres seriam menos capazes de lidar com a lógica, presentes nestas disciplinas. Seguramente, poderíamos afirmar que para cada 7(sete) professores, da citada área, encontramos, no máximo, duas professoras.

Por ser considerada uma manifestação religiosa marginal, a pajelança, hoje, consegue se impor como superadora de uma visão que impôs à mulher, na religião e em outros setores, uma posição de segundo plano. Mas também pode

⁵Esta é uma afirmação baseada somente em observações feitas quando das minhas práticas educativas, em Belém. Não me arvorei a afirmar que esta seja uma situação que se repita no restante do país(N.A).

ser levantada a seguinte hipótese: não será por ser marginal que ela consegue tal intento?

Para finalizar este item sobre a igualdade de gêneros, vale a pena transcrever uma parte da narrativa sobre o surgimento da vida na terra:

o girador (ser criador) voltou e deitou as sementes da vida sobre as partes altas que tinham aflorado. As sementes se partiram em duas, nascendo homem e mulher e todos os demais seres viventes sobre a terra (LIMA: 151).

Ninguém foi tirado de ninguém, nem criado antes de ninguém, portanto, a partir de uma narrativa como esta, fica um tanto quanto difícil construir-se ideologias de dominação entre os seres vivos, seja entre homens e mulheres, seja entre homens/mulheres e animais (natureza).

Um corpo que reza, que cura e que aprende

Os teóricos da educação, que dão à mesma um tratamento não mais identificado com o conservadorismo da escola tradicional, que privilegiam uma unanimidade, não deixam de chamar a atenção para que, enquanto educadores, sejamos capazes de perceber a necessidade de se pensar a educação a partir, também, do viés da corporeidade.

Duas tendências atuais tratam deste tema: uma que aponta para o corpo como organismo que possui necessidades ditas concretas, como beber e comer e outra que percebe o corpo como espaço dos sonhos e dos desejos, é no corpo que as pessoas encontram respostas para entenderem a si próprias (STRECK: 1996). Assmann, toma o corpo como a referência para se pensar critérios de solidiedade e de tolerância,

afirmamos como suposto básico: toda educação, para que corresponda às características biofísicas do ser humano, tem que ser visceralmente Educação Corporalizada. A tese aqui defendida é muito exigente. Ela sustenta que o corpo é, do ponto de vista científico, a instância fundamental e básica para articular conceitos centrais para uma teoria pedagógica. Em outras palavras: somente uma teoria da corporeidade pode fornecer as bases para uma teoria pedagógica (1996:47).

A discussão sobre o reconhecimento do corpo é fato recente principalmente na área educacional. Recordo-me agora que em diversos instantes de convivência com professores de Ensino Fundamental e Médio, das escolas de Belém, como era difícil realizar qualquer atividade que exigisse a movimentação física, que não fosse o falar. O pular, o dançar significavam, para muitos, uma verdadeira sessão de tortura.

A pedagogia tradicional ocidental é uma das grandes negadoras do corpo, quando não percebe que a aprendizagem passa por este corpo e que é este corpo que aprende,

Os missionários, quando da época da colonização, em contato com algumas tribos indígenas, tinham como ponto básico da sua pregação fazer com que os indígenas rejeitassem o corpo e olhassem para o mesmo como morada do pecado. Ainda que em algumas tribos a idéia de vergonha do corpo fosse corrente, esta idéia não significava uma necessária rejeição do mesmo, idéia que os homens de Deus apreciavam. Este tema de pensar sobre o corpo, dentro das igrejas, permanece sem perspectiva de ser melhor trabalhado. Nós, da América Latina, que tivemos chance de conceber a teologia da libertação, que chamava a atenção para tantos tópicos negligenciados pela teologia tradicional, nos sentimos frustrados por uma certa, para não dizer total, ausência deste tema, como bem frisou HOORNAERT:

quando se fala nisso, percebe-se logo um mal-estar ou até uma forte rejeição, como se falar de gozo e de "eros" resultasse em aburguesamento da teologia ou, de alguma forma, no abandono da opção pelos pobres (p. 25).

Como apontamos, anteriormente, uma das características do xamanismo é a possibilidade de um transe. Pode-se dizer que, aprioristicamente, este transe é exatamente a negação do corpo, idéia tão difundida por aqueles que identificaram a alma como morada da razão. Construo um raciocínio contrário: se o espírito "precisa" de um corpo para expressar-se é porque ele o valoriza. Objetariam isto os *Espiritualizantes*, afirmando que se os espíritos precisarem de um corpo (uma boca) não é porque estão valorizando este instrumento e sim porque nós, "os ainda de carne", só sabemos nos comunicar desta forma⁶.

O fato é que a razão, filha da modernidade, e com ela a religião, na trilha de Platão, anatematizaram o corpo, identificando-o com a via da maldade. Se o corpo se ausenta das "mesquinhez" da vida, então o espírito permanecerá são, como se fosse uma entidade quase que imune ao mundo.

A prática da pajelança já nos trará uma novidade (velha), quanto a esta relação com o corpo. Há sim uma distinção entre corpo e espírito, mas isto não quer dizer que são passíveis de uma sobrevivência em separado, como podemos cogitar de uma análise sobre o que antes já foi dito, ou seja, a relação que mantemos com a questão do corpo em nossas sociedades.

Quando alguém vai em busca dos serviços do/a pajé não vai pensando que o espírito está doente e que por isso o corpo está sofrendo. O que se percebe é que o solicitante apresenta-se como um todo e a (o) pajé assim o trata. Esta visão tem muito da *cosmologia indígena amazônica* que não pen-

⁶Há nas ciências da linguagem, com forte influência iluminista, um domínio da linguagem verbal, em detrimento das consideradas não-verbais. Assim, os gestos e as tonalidades de voz não são levadas em consideração, nos estudos por elas empreendidos. As academias ainda consideram pouco sérias os trabalhos que "negligenciam" a palavra e a escrita, pichando-os de pouco rigor teórico.

sava a morte, por exemplo, com uma viagem do espírito para outras terras e sim da pessoa.

Aqui não será possível a descrição de um ritual de iniciação de um(a) pajé, mas o fato é que há toda uma necessidade de ouvir, falar, dançar, gesticular. As expressões são valorizadas como uma forma verdadeira de dizer coisas. Vejamos um trecho deste ritual, narrado pela pajé, que confirma isto:

Lépido, alegre, imitando borboleta, o caruana iniciou uma dança em torno de mim. A figura alta e esguia vibrava o maracá com expressões de máxima felicidade, como se participasse de uma festa (LIMA, p. 126).

Todo este ritual tinha como objetivo o *sentamento* de uma pajé, também era momento do/a pajé mais antigo ensinar as formas e fórmulas físicas que a nova pajé deveria também fazer. O pajé não foi para o quadro negro e começou a dizer, ou escrever, para a iniciada, tudo quanto ele podia dizer com as expressões, com os gestos. Há instantes de aprendizagem, de interação entre dois corpos, um que ensina, um que aprende e que terá o dever de também ensinar.

O encantamento da pedagogia

Para os que praticam a pajelança, existe um lugar no fundo das 'águas' que é conhecido como "Encante" e é para este lugar que os habitantes do fundo atraem as pessoas e lá tentam seduzi-las para que provem algum alimento. Se isto vier a ocorrer, a pessoa não tem mais condições de retornar ao mundo dos "normais".

Quando se pensa a escola e diversos aspectos que a compõem, seja horário, disposição das bancas, conteúdos das aulas, performance dos docentes, somos quase que obrigados a afirmar que o processo dá-se em sentido contrário ao dos encantados: quem prova do alimento da escola não consegue mais voltar lá. Se nos perguntássemos, neste momento, que recordações boas trazemos da escola, certamente que haveria entre nós titubeios, se não silêncios. Ou seja, nossas atitudes (silêncios e titubeios) não deixam dúvidas do quanto a escola está longe de encantar. E, de modo inverso, se não conseguimos pensar sobre o que a escola *aprontou* conosco, certamente que o adjetivo anormal não nos caberia, mas o artificial, e deste não poderíamos escapar.

A última edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC traz uma preocupação em relação à questão étnica, para que a escola consiga trabalhar mais e melhor aspectos específicos das regiões. Ainda que isto soe como avanço, no entanto, quando se trata da questão da religiosidade, há uma lacuna considerável, já que na concepção de etnia e de tradições esta questão é posta de lado.

Ressalto este fato, porque a pedagogia ainda não conseguiu incorporar o universo cultural como componente da

vida diária das pessoas, portanto influenciando na aprendizagem. A pesquisa genética, na sua busca de tirar do DNA todas as verdades sobre os humanos, inclusive o comportamento, depara-se hoje com alguns genetecistas que não desprezam a cultura na formação do indivíduo: *a genética do comportamento não naturaliza traços comportamentais, mas procura, como a natureza, age via cultura (HANI: In Neto Bonalume, Revista da Folha de S. Paulo de 27/09/98 p. 104).* A pedagogia pode estar algumas décadas atrasada, sem reconhecer, como o faz a genética, a importância da cultura na vida escolar.

Não se trata de querer a pedagogia como modismo, ou seja, se hoje a cultura tem assumido lugar de destaque no mundo da ciência, então a pedagogia deve adequar-se também. Não é isto que defendemos, e sim que haja, dentro da pedagogia, um movimento maior em direção às vidas das pessoas. Neste sentido, não se pode negar a grandiosa contribuição dada por Paulo Freire que discutia e insistia na necessidade de que o viés do ensino passasse pela questão cultural. Ou, de outra forma, quando levamos em consideração a questão cultura:

é necessário reconhecer a diversidade de maneiras de ensinar e de aprender que os homens e as mulheres têm desenvolvido em sua busca pela possibilidade de viver e de sobreviver (PREISWERK & STRECK:1997).

Com isso quero dizer que a discursividade da pedagogia, ainda hoje desprivilegia a cotidianidade, principalmente quando pensamos o sentido formal da mesma, no âmbito da escolarização, da instituição escola.

Ao tratar da pajelança marajoara e das possibilidades pedagógicas nela encerradas, não quero fazer uma apologia da pajelança, sem perceber as deficiências nela contidas. Quis pensar uma escola, da qual nós pudéssemos ter saudade, ou, quem sabe, referimo-nos a ela como a pajé se referiu:

a vida dos encantados (da escola) é linda e bela, é como se o vento fosse chuva, as águas o sol, as árvores o orvalho, o riso o choro, a alegria a tristeza, e a dor fosse o amor. ENFIM, É UM MUNDO ENCANTADO (LIMA:153).

Referências Bibliográficas

- AMAZÔNIA/ENCANTARIA
 ALVARES LUZIA (1994) *Educação e (In) submissão feminina no Pará*, in D'Incao, Ma., Silveira, Isolda M. da.(org.) *A Amazônia e a Crise da Modernização*, Belém, Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi.
 BOYER-ARAUJO, Véronique(1994) *Do "Mau olhado" à "coisa feita"* ou o caminho para mediação do Filho de Santo. In D'Incao, Ma., Silveira, Isolda M. da.(org.) *A*

- Amazônia e a Crise da Modernização*, Belém, Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- GALVÃO, Eduardo(1954)*Santos e Visagens*, S. Paulo, Col. Brasileira.
- HENRY, Anaiza Vergolino(1994)*História Comum, Tempos Diferentes*. In D'Incao, Ma., Silveira, Isolda M. da.(org.) *A Amazônia e a Crise da Modernização*, Belém, Pará, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- MAUÉS, Eraldo(1998-1999) *A Ilha Encantada*, Belém, Pará.
- EDUCAÇÃO / PEDAGOGIA / CULTURA
- ACHUTTI, Luiz E. R(1997)FOTOETNOGRAFIA: *Um estudo antropológico Visual sobre cotidiano lixo e trabalho*, Porto Alegre, RS, Ed. Tomo Editorial/ Livraria Palmarinca.
- ASSMANN, Hugo(1996)*Metáforas Novas para reencantar a educação, epistemologia e didática*, Piracicaba, S.P, Editora UNIMEP.
- KEIL, Ivete(1996)*A Agonística de um tempo plural: Intensidade e Rupturas na Educação*. In STRECK, Danilo(org.)*Educação Básica e o Básico na Educação*, Porto Alegre, RS.
- STRECK, Danilo(org.)(1996)*Educação Básica e o básico na Educação*, S. Leopoldo, Sulina/ Unisinos.
- (1994)*Correntes Pedagógicas aproximações com a teologia*, Petrópolis, Vozes/CELADEC.